

a
ciência
nos livrou de
DEUS
?

John Blanchard

A Ciência nos livrou de Deus?

John Blanchard

A Verdade
Porto Alegre
2015

Traduzido do original em inglês:

Has Science got rid of God?

Publicado originalmente por Evangelical Press, Darlington, Reino Unido

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa por:

A Verdade, Porto Alegre, RS, Brasil

www.editoraverdade.com.br

©A Verdade 2015

Primeira edição brasileira 2015

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

A reprodução ou transmissão total ou parcial deste livro não poderá ser realizada por nenhum meio possível, seja eletrônico, mecânico, fotográfico, de gravação ou quaisquer outros sem a prévia autorização do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B639c Blanchard, John

A ciência nos livrou de Deus? / John Blanchard ; traduzido por Sabrina Lopes Furtado. -- Porto Alegre : Verdade, 2015. 168p. : il. ; 13,5 cm x 21 cm

ISBN 978-85-64006-29-4

1. Ciência -- Homen. 2. Deus -- Onipotente. 3. Universo -- vida Humana. 4. Cristandade -- Pensamento. 5. Cristãos -- Não Cristãos. I. Furtado, Sabrina Lopes. II. Blanchard, John. III. Título.

CDU 215

Bibliotecária responsável: Raquel Moura Pohlmann CRB/10-2301



www.editoraverdade.com.br

Espalhando a Palavra da Verdade

SUMÁRIO

Prefácio	7
1 Aperfeiçoando a Pergunta	9
2 Cientificismo: o Deus Ateu	17
3 Verificação da Realidade: a Ciência e seus Limites	31
4 Evolução: Prova ou Preconceito?	55
5 Fé e Fatos	85
6 Bobos Indolentes?	105
7 Além da Ciência	125
Apêndice: A Estranha História da Ciência Cristã	145
Notas	151

PREFÁCIO

Ciência e religião são as duas influências mais difundidas que o mundo já conheceu, e elas afetam virtualmente cada pessoa vivendo em nosso planeta. Se eu digitar a palavra "Ciência" em meu navegador favorito da internet, ele me oferece 62.300.000 páginas para pesquisar; quando eu tento "Religião", outras 18.500.000 páginas estão disponíveis. Se a minha busca combinar as duas palavras, ainda deparo com 3.270.000 sites abarrotados de fatos e figuras, afirmações e contra-afirmações, ideias e opiniões.

Para muitas pessoas, combinar as duas coisas é precisamente o problema, uma vez que elas são, muitas vezes, consideradas diametralmente opostas uma à outra. Escrevendo em 1980, o cientista britânico Edgar Andrews, Professor Emérito da Universidade de Londres, inicia um excelente livro sobre o assunto com as palavras: "O divórcio entre ciência e religião é um dos aspectos mais significativos de nosso cenário filosófico moderno".¹ Às vezes esse "divórcio" se expressa como um tipo de "guerra fria", com ambos os lados ignorando um ao outro. Em outras, a "guerra quente" se espalha pela mídia, algumas vezes despertada por fatos como uma nova descoberta científica, um excitante "achado" arqueológico, um avanço

médico que levanta questões morais ou éticas, ou a forma como as instituições educacionais ensinam sobre as origens do mundo ou da raça humana.

A ideia de que ciência e religião estão em conflito vem de longa data, remontando, pelo menos, ao último terço do século XIX; mas isso tem alguma base sólida? Somos forçados a escolher um ou outro? Somos obrigados a aceitar que ambos sempre estarão em forte desacordo? Não há casos em que se diga que cada um tem um papel válido a desempenhar em nossa compreensão da realidade e em nossa experiência diária?

Eu sou grato ao Professor Edgar Andrews, Dr. Andrew Blanchard, Dr. Andy Christofides, Steve Layfield, Rev. Philip Miller e ao Professor Colin Runciman pela amável ajuda na revisão deste manuscrito e pelas sugestões feitas para sua correção e melhoria; eles não são, de forma alguma, responsáveis por nenhuma deficiência remanescente. Minha secretária de longa data, Joy Harling, fez seu excelente trabalho usual preparando o material para o editor.

Se você está procurando um tratamento abrangente dessas questões, que sonde cada canto e fissura da descoberta científica e que exponha as profundezas do pensamento religioso ao longo dos séculos, você obviamente terá de olhar em outro lugar – incluindo aqueles milhões de páginas na internet! O livro que você está segurando não passa de um esboço das questões fundamentais envolvidas; não obstante, eu acredito que ele indique que existe uma resposta clara e convincente à questão apresentada no título.

John Blanchard
Banstead
Surrey
Abril, 2004

APERFEIÇOANDO A PERGUNTA

Deixe-me confessar algo. Eu não sou cientista, nem filho de cientista. Eu tenho, sim, um filho com duas graduações na área da ciência, Bacharelado em Genética e Doutorado em Biologia Molecular, mas, exceto por fazer minha contribuição genética normal para sua criação uns vinte anos antes de ele conquistar o primeiro de seus títulos, não posso reivindicar as honras por nenhum deles. Após discursar na Universidade de Cambridge recentemente, um estudante universitário me perguntou: "Qual é o seu conhecimento em ciência?" Em resposta, eu lhe disse que, em termos formais, não possuía nenhum e que eu quase poderia me relacionar com a confissão do arcebispo William Temple: "Minha ignorância da ciência é profunda o suficiente para ser distinguida!"¹ Esse pode parecer um início nada promissor, mas meio século de

fascinação pelo assunto, abastecido por incontáveis horas de leitura, discussão e anotações, para não mencionar o acesso a uma cascata de informações na internet, fornece uma quantidade mais do que suficiente de informações e análises, advindas de especialistas, para oferecer uma resposta direta à pergunta apresentada no título do livro. Eu também irei apoiar-me levemente na antiga afirmação de que a teologia é a "rainha das ciências"!

Começemos pelo início: o que significa "ciência"? Essa palavra tem raízes no inglês médio, no francês antigo e no latim, e o termo *scientia* tem como base um verbo que significa "saber". Até aqui, tudo bem; mas como o estudioso americano J. P. Moreland aponta, "Nenhuma definição largamente aceita do que é ciência está em concordância com a maioria dos filósofos da ciência... Há alguns casos que a maioria das pessoas consideraria como ciência, mas não parece haver uma definição adequada de ciência que cubra todos os casos".² "Ciência" costumava significar nada mais do que "conhecimento", mas a maioria dos livros de consulta agora chama essa definição de "arcaica". O *Dicionário Oxford de Inglês* define o significado chamando-o de "a atividade intelectual e prática que abrange o estudo sistemático da estrutura e do comportamento do mundo físico e natural por meio de observação e experimento".³

Isso nos deixa um pouco mais perto de onde precisamos estar para os propósitos deste livro. A ciência procura descobrir, observar e entender os princípios e leis que governam o mundo natural. Não é estática, mas, sim, dinâmica; não um produto, mas um processo; não uma entidade, mas um empreendimento. É um "trabalho em progresso", é uma busca honesta, ilimitada, contínua, objetiva e diligente do conhecimento fidedigno sobre nosso mundo e tudo o que nele há. Ela dedica-se a um fluxo interminável de perguntas usando o que agora chamamos de "o método científico" – observação, formulação de hipóteses que se encaixam nos dados, o exame de outras possibilidades e experimentos repetidos (que podem tanto

ser bem-sucedidos quanto falhar). Quando os cientistas cumprem todas essas exigências, em seguida, podem afirmar sensatamente que estabeleceram uma teoria científica. Falando no canal de televisão da BBC, a filósofa Danah Zohar disse: "Uma grande ciência consiste em fazer grandes perguntas... a ciência nos convida a investigar, olhar mais a fundo, além das aparências, para enxergarmos o que se esconde por trás".⁴ Richard Bube, Professor Emérito em Ciência dos Materiais e Engenharia Elétrica da Universidade de Stanford da América, acrescenta um ponto importante: "A ciência é uma forma de conhecimento *baseada na interpretação humana dos dados obtidos publicamente por meio da interação com o mundo físico*".⁵ Para simplificar tudo isso, a ciência é o processo contínuo de aprendizagem dos fatos sobre o mundo natural. Usaremos isso como uma definição funcional a partir de agora.

Quanto à segunda palavra-chave em nosso título, eu não perguntei deliberadamente: "A ciência nos livrou da religião?" O *Dicionário Oxford de Inglês* define religião como "a crença em, e a adoração de, um poder controlador sobre-humano, em especial, um Deus pessoal ou deuses",⁶ e o distinto cientista britânico Sr. John Houghton observa que a religião sempre foi um fenômeno universal: "Há uma evidência geral de que a maioria dos seres humanos, de qualquer parte do mundo e dos tempos mais primordiais, exibiu uma crença fundamental em um ser divino ou em seres divinos, e em algum tipo de mundo espiritual".⁷ Religião existe em todas as formas e tamanhos, e suas alegações vão desde o divertido ao surpreendente. O animismo encoraja a adoração de espíritos ditos existirem em todos os fenômenos naturais, de rochas a rios, e de árvores a flores. O panteísmo se inclina para a mesma direção ao dizer que Deus é tudo, e tudo é Deus. O politeísmo aponta para um número ilimitado de deuses. O movimento Nova Era afirma que todos os seus membros são divinos (o que presumivelmente significa que uma deidade extra é adicionada ao total toda vez que uma pessoa se junta a ele). Fanáticos religiosos indultaram todos os tipos

de rituais bizarros para atarem-se às suas crenças: pintam ou mutilam seus corpos, sacrificam seus filhos ou mesmo se queimam até a morte. Somente nos Estados Unidos, existem bem mais de 2600 grupos religiosos, 250 dos quais recentemente listados na *Enciclopédia das Religiões Americanas* desde 1999. Os Adoradores de Kennedy declararam o ex-presidente dos EUA uma divindade; All-One-God-Faith é o nome de uma companhia de sabões; e a Embaixada do Céu emite suas próprias placas de veículos porque considera todos os governos terrenos ilegítimos.

AS GRANDES CINCO

Nos dias atuais, está na moda amontoar todas as religiões e dizer que todas elas se equivalem. Discursando em um comício realizado no estádio dos Yankees, em Nova Iorque, poucos dias antes dos horrendos ataques terroristas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, a personalidade televisiva Oprah Winfrey disse ao mundo que todas as pessoas oram ao mesmo Deus. A afirmação fora cautelosamente fabricada para evitar uma confrontação política, mas era um completo absurdo. Como podemos facilmente mostrar, a ideia de que todas as religiões são caminhos igualmente válidos para a realidade espiritual final se desfaz assim que tentamos aprendê-la. Embora nosso mundo moderno esteja inundado de religiões e cultos estruturados — Bahaísmo, Confucionismo, Shinto, Sikhismo, Zoroastrismo, Hare Krishna, Mormonismo, Testemunhas de Jeová, a Igreja de Cientologia, Meditação Transcendental, para citar apenas algumas —, "religião", para a maioria das pessoas, normalmente significa Hinduísmo, Budismo, Islamismo, Judaísmo ou Cristianismo. Podemos expor nosso ponto nos limitando a essas.

O *Hinduísmo*, que remonta a pelo menos até 3000 a.C., foi chamado de "uma família de religiões... flexível e mutável".⁸ Sua desorientadora variedade de ideias religiosas e filosóficas é dita acomodar não menos do que trinta e três

milhões de deuses,⁹ e uma autoridade chega a dizer que os hindus "podem ser panteístas, politeístas, monoteístas, agnósticos ou mesmo ateus".¹⁰

O *Budismo* é baseado nos ensinamentos de Sidarta Gautama, que nasceu em aproximadamente 563 a.C. (embora seja dito que sua chegada fora a última de pelo menos 550 reencarnações). Alguns budistas Mahayana o adoram juntamente com muitos outros deuses emprestados do Hinduísmo, mas o Budismo tradicional não possui um deus pessoal.

O *Islamismo* é a mais jovem e segunda maior das principais religiões do mundo. Seus ensinamentos são conservados no Alcorão, constituído de visões ditas terem sido recebidas por Maomé, que nascera na cidade arábica de Meca em algum momento entre 570-580 d.C., e declarações baseadas nas coisas que ele disse. Como Buda, Maomé não fez nenhuma alegação de divindade. A deidade do Islamismo é Alá, uma figura austera e remota que não é afetada pelas ações e atitudes das pessoas e que "não é pessoalmente conhecível".¹¹

O *Judaísmo* é um fenômeno mundial que demonstrou uma habilidade surpreendente de se adaptar à pressão e à perseguição de fontes seculares e religiosas. Seus ensinamentos são derivados do Antigo Testamento da Bíblia, mas estão centralizados na Torá. Eles fundam-se na Mishná e na Guemará, escritos baseados nos primeiros cinco livros da Bíblia e que estabelecem 613 preceitos de vida – embora nem todos precisem ser aplicados, em circunstâncias excepcionais. O Judaísmo enfatiza a imparidade e transcendência de Deus, mas não sua interação íntima com a humanidade.

O *Cristianismo* toma toda a Bíblia como "*a palavra de Deus, a qual vive e é permanente*".¹² Ela revela Deus como o criador supremo de toda realidade, com exceção de si próprio, incluindo tempo e espaço: "*... foi o universo formado pela palavra de Deus*".¹³ Deus não o criou porque tivesse

de fazê-lo, mas porque escolheu fazê-lo. Nada na criação necessita de qualquer justificativa além do fato de que, em sua sabedoria infinita, Deus desejou que existisse, e, em seu poder infinito, trouxe à existência. Deus não é uma força cósmica ou um "poder maior" meramente, mas, sim, pessoal e eternamente autoexistente, "*de eternidade a eternidade*".¹⁴ Ele existe como uma Trindade de pessoas distinguíveis, identificadas na Bíblia como o Pai, o Filho e o Espírito Santo.¹⁵ Ele é perfeito em todos os seus caminhos,¹⁶ imutável¹⁷ e "cheio de amor".¹⁸

Ele é o governador único e soberano sobre tudo o que criou: "o seu reino domina sobre tudo".¹⁹ Ele sustenta a inteira ordem criada e governa o mundo natural, o mundo espiritual, os acontecimentos internacionais, as autoridades terrenas e a vida dos seres humanos individuais: Ele "*faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade*".²⁰ Enfim, o destino final de cada ser humano está em suas mãos, e ele "*há de julgar o mundo com justiça*".²¹

O relacionamento de Deus com a humanidade está centralizado no fato de que, há cerca de 2000 anos, ele irrompeu na história na pessoa de Jesus Cristo, que assumiu humanidade, embora retendo sua deidade. Seu nascimento virginal, sua vida de perfeição e sua morte voluntária no lugar dos demais são todos selos de sua deidade, confirmada por sua ressurreição dos mortos,²² que demonstrou ser ele "*o verdadeiro Deus*";²³ que promete o perdão dos pecados e a vida eterna a todos os que colocam sua confiança nele.²⁴

Mesmo com base nesse resumo esboçado, fica perfeitamente óbvio que as religiões **não** são todas iguais. Mesmo um ateu convicto como o filósofo britânico Bertrand Russel notou: "É evidente, por uma questão de lógica, que, uma vez que elas diferem, não mais do que uma delas pode ser verdadeira",²⁵ enquanto Janet Daley, do Daily Telegraph, aperfeiçoou o ponto: "Você não pode defender todas as fés – pelo menos, não ao mesmo tempo – porque cada uma tem crenças que tornam as das outras falsas".²⁶

Isso é tão claro quanto a luz do dia. Muitas das maiores religiões mundiais, sem mencionar centenas das menores, fazem alegações que são diametralmente opostas umas às outras quando tratam da existência e da natureza de Deus e da possibilidade de termos um relacionamento vivo com ele. Quando isso acontece, é simplesmente impossível que todas elas possam estar certas. Nem existe qualquer vantagem na ideia moderna de que uma dada religião possa ser "verdadeira para uma pessoa, mas não para outra". Um credo é verdadeiro para todos ou para ninguém, e nenhuma conciliação é possível. Como um escritor moderno disse: "Dizer que 'todos os caminhos levam a Deus' é tão ilógico quanto dizer que um percurso de ônibus ao shopping é quase igual a uma viagem à Lua em um ônibus espacial. A rota, o meio de transporte e o destino são completamente diferentes!"²⁷

Já foi dito que tudo o que o estudo de religião comparada faz é tornar as pessoas comparativamente religiosas! Seja como for, a ideia de que todas as religiões apontam para a mesma direção, ou levam ao mesmo destino, é claramente ridícula. O Cristianismo é baseado em uma extensa série de eventos históricos significativos e registrados na Bíblia, ao passo que todas as outras fés, antigas ou modernas, são construídas sobre a moral subjetiva e o ensinamento ético de seus fundadores ou líderes. O apologista contemporâneo Joe Boot esclarece essa distinção crítica: "A Bíblia não é um livro de elevada filosofia moral ou prosa eloquente, mas é baseada em fatos objetivos e históricos abertos à verificação. A Bíblia não nos pede para aceitar um ensinamento ético simplesmente porque o diz. Em vez disso, ela nos convida a testar sua coerência e validade. A Bíblia é um relato do que Deus fez por nós na história humana e de como ele falou e agiu em nosso mundo, razão pela qual podemos testar a Bíblia para ver se é verídica. Todas as demais religiões falham no mesmo teste".²⁸

Embora um pouco do que vem a seguir seja verdadeiro quanto à relação entre ciência e todas as fés religiosas,

eu escrevo como um cristão comprometido, convencido intelectual, emocional e experimentalmente de que a Bíblia inteira é "*inspirada por Deus*",²⁹ uma revelação inerrante da natureza e vontade de Deus.

a ciência nos livrou de DEUS?

Neste livro compacto e lógico, o Dr. Blanchard mantém, de maneira apta, uma grande visão da ciência, ao mesmo tempo demonstrando que ela é incapaz de responder às grandes questões da existência ou de suprir as nossas necessidades mais profundas. Por meio de citações incisivas, em um estilo fácil de ler, ele mostra como visões do mundo que excluem a Deus inevitavelmente decaem no caos e no desespero.

John Blanchard surpreende outra vez! Com sua usual clareza, inteligência e competência, ele derruba os mitos populares de que a ciência tem todas as respostas para a vida humana e o sentido do universo, ou de que a ciência refutou a existência de Deus ou tornou-O desnecessário, e o mito de que o Cristianismo bíblico está em desacordo com o empreendedorismo científico. Sua abordagem lúcida e interessante irá ser de grande ajuda tanto a cristãos como não-cristãos.

O Dr. John Blanchard se dedicou a tempo integral ao ministério cristão depois de treze anos no Serviço Civil de Guernsey, tornando-se um autor, professor e palestrante internacionalmente conhecido. Quase quinze milhões de cópias de suas publicações já foram impressas em cerca de quarenta idiomas.

 A Verdade

www.editoraverdadez.com.br

ISBN 978-85-64006-29-4



9 788564 006294